

Trabalho de Graduação
Curso de Graduação em Geografia

**Território e Lugar na obra de Jorge Amado: Uma análise literária para uma
conceituação geográfica**

Rodrigo Oliveira de Matos

Profa. Dra. Maria Bernadete Sarti da Silva Carvalho

Profº Me. João Paulo Rosalin

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas – IGCE
Câmpus de Rio Claro

RODRIGO OLIVEIRA DE MATOS

Território e Lugar na obra de Jorge Amado:
Uma análise literária para uma conceituação geográfica

Trabalho de Graduação apresentado ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas – Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para obtenção do grau de Licenciatura em Geografia.

Rio Claro (SP)

2023

M433t Matos, Rodrigo Oliveira de
Território e Lugar na obra de Jorge Amado: Uma análise literária
para uma conceituação geográfica / Rodrigo Oliveira de Matos. -- Rio
Claro, 2023
35 p.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Geografia) -
Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Geociências e
Ciências Exatas, Rio Claro
Orientadora: Maria Bernadete Sarti da Silva Carvalho
Coorientador: João Paulo Rosalin

1. Geografia. 2. Literatura. 3. Jorge Amado. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de
Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Rodrigo Oliveira de Matos

Território e Lugar na obra de Jorge Amado:
Uma análise literária para uma conceituação geográfica

Trabalho de Graduação apresentado ao Instituto de
Geociências e Ciências Exatas - Câmpus de Rio
Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho, para obtenção do grau de
Licenciatura em Geografia.

Comissão Examinadora

Orientador: Prof^ª. Maria Bernadete Sarti da Silva Carvalho

Prof^ª. Me. Natália Goldsmith Guidetti

Prof. Me. Gabriel Martins de Queiroz Sampaio

Rio Claro, 31 de Outubro de 2023.

Assinatura do aluno

Assinatura da orientadora

RESUMO

Neste estudo apresentamos uma proposta de reflexão acerca dos conceitos de *território* e *lugar*, de forma analítica e paralela, na obra “Terras do Sem Fim” (1943) do romancista baiano Jorge Amado. As obras de Jorge Amado em geral expõem uma gama de elementos - relações de poder, violência, conflitos sociais, manifestações culturais, lugar quanto gerador de identidade - que são suscetíveis à investigação, o que abarca um ramo científico, sobretudo, no que se compreende à Geografia enquanto ciência de espaço. A pesquisa tem como objetivo compreender a linguagem literária, seus aspectos e formas, promovendo uma estrutura para o entendimento de uma sociedade em seu contexto temporal e espacial.

***palavras-chave:* Geografia, Literatura, Jorge Amado**

ABSTRACT

In this study, we present a proposal for reflection on the concepts of territory and place, analytically and in parallel, in the work “Terras do Sem Fim” (1943) by the Bahian novelist Jorge Amado. Jorge Amado works in general expose a range of elements - power relations, violence, social conflicts, cultural expressions, place as a generator of identity - that are susceptible to investigation, encompassing a scientific field, especially in what concerns Geography as a science of space. The research aims to understand literary language, its aspects and forms, providing a framework for the understanding of a society in its temporal and spatial context.

Keywords: Geography, Literature, Jorge Amado

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. CAPÍTULO 1: O CONTEXTO DO CICLO DO CACAU E AS INFLUÊNCIAS NA OBRA DE JORGE AMADO.	11
3. CAPÍTULO 2: TERRAS DO SEM FIM	17
3.1. DE VILAREJO À CIDADE: A FORMAÇÃO DO LUGAR	20
4. CAPÍTULO 3: O TERRITÓRIO NA OBRA TERRAS DO SEM FIM	24
4.1. A CONSTRUÇÃO DE SENTIMENTOS NO LUGAR E DA IDENTIDADE NA OBRA AMADIANA	26
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32

1. INTRODUÇÃO

Jorge Amado foi de fato um renomado escritor brasileiro, nascido em 1912 na Bahia e falecido em 2001. Ele é amplamente reconhecido por seu engajamento social e político em sua literatura, bem como em dar voz às comunidades marginalizadas da Bahia e de outras partes do país. Suas obras são conhecidas por retratar de forma marcante os problemas sociais, políticos e econômicos enfrentados pelas pessoas comuns da sociedade, destacando as injustiças sofridas por essas populações.

O autor tinha a capacidade de capturar a essência da cultura baiana e do povo brasileiro em suas narrativas, ao mesmo tempo que criticava as desigualdades e as injustiças que ocorriam na sociedade. Seus personagens eram frequentemente pessoas comuns que lutavam contra as adversidades e buscavam uma vida melhor, tornando-se heróis populares em suas narrativas. Sua obra continua a ser apreciada e estudada por seu impacto duradouro na literatura brasileira e mundial.

É impressionante como a literatura pode ser um mecanismo facilitador para a compreensão de aspectos geográficos e socioespaciais em uma obra. O olhar geográfico nos permite interpretar o contexto e a cultura retratados em um livro. Como por exemplo a descrição dos ambientes e paisagens em uma narrativa que nos permite compreender sobre a geografia física do local onde se desenvolve a história.

E esse olhar apurado nos possibilita analisar as interações sociais e culturais dos personagens e levando a compreensão da geografia humana da região retratada. A narrativa geralmente lida com questões de espaço e território, sendo através de conflitos territoriais, deslocamentos populacionais ou mesmo a relação das pessoas com seu ambiente construído. A literatura na maioria das vezes reflete a identidade regional e a sensação de pertencimento a um lugar, através de metáforas, símbolos e narrativas, os autores podem transmitir o senso de lugar e a conexão emocional das pessoas com suas regiões.

Diversos autores de obras literárias como: Graciliano Ramos, Euclides da Cunha, Aroldo de Azevedo, José Lins do Rego, Guimarães Rosa, o próprio Jorge Amado, entre tantos outros, tiveram suas obras estudadas no meio acadêmico, por aqueles que se propuseram a

relacionar a Geografia com a Literatura, utilizando um olhar geográfico, contribuindo para a fundamentação das ciências geográficas.

Para Monbeig (1940), a relação estabelecida entre Geografia e Literatura se revela fornecedora de informações e enriquecedora de descrições, o que permite a construção de uma ponte entre as duas áreas do conhecimento. Monbeig (1940), afirma que “a geografia deve ser literária sem, entretanto, cair na literatura” o que nos direciona para a necessidade de pensar a nossa escrita de geógrafos que deve valorizar o texto, a linguagem, sem ser literatura.

Para Suzuki (2017) os geógrafos convivem com certas dificuldades para realizar suas pesquisas na área de análise literária.

O que nos direciona para a necessidade de pensar a nossa escritura de geógrafos que deve valorizar o texto, a linguagem, sem ser literatura, visto que esta é, por natureza, uma complexidade de leituras, particularmente ao integrar variadas possibilidades de interpretação e de compreensão do mundo, relacionadas com as perspectivas de onde se originam as leituras: a do escritor e a do leitor (SUZUKI, 2017, p.131).

O romance brasileiro, portanto, pode ser tomado em sua linguagem literária para se debruçar sobre sua geografia. É função do geógrafo lançar as redes para procurar as relações entre as duas linguagens. Estas ideias são abordadas nas palavras de Regina Araújo:

A literatura brasileira incorpora em várias de suas obras os mais relevantes elementos de interpretação histórica e geográfica do país em formação. Apropriada pela crítica literária, a idéia de “formação” ganha eficácia explicativa em duas direções aparentemente opostas, mas na realidade complementares: a literatura, ao mesmo tempo, é formada e transforma o chão social, cultural, histórico e geográfico sobre o qual nasceu, e que lhe conforma organicidade e sentido. É formada, pois incorpora problemas de seu tempo e de seu espaço; transforma, pois, cria e cimenta identidades locais, regionais e nacionais, impondo-se como representação coletiva que funda práticas e vínculos culturais e sociais. (ARAÚJO, 2002-2003, p. 46)

Assim sendo, tanto a Geografia como a História têm ocupado um lugar de destaque na literatura brasileira, visto pela excelência de seus principais autores. A Geografia, a partir da literatura é permitido ao leitor a sua inclusão no tempo e espaço vivido, e desta maneira, remetê-lo ao conhecimento cultural, político, econômico e social.

Pode-se tomar a obra literária como um dos subsídios para entender os contextos do lugar e as interações que este espaço tem com outras partes do país e do mundo. As tramas literárias representam a pessoa “comum” seus dramas (política, cultura e economia) e seus espaços cotidianos (o lugar). (REICHWALD, 2003, p. 71).

O romance escolhido para este estudo, “Terras do Sem Fim” escrito por Jorge Amado e publicado em 1943, se passa no início do século XX, na região sul da Bahia,

especificamente nas áreas próximas ao povoado de Tabocas, que atualmente é parte do município de Itabuna. Ao longo do romance, Jorge Amado explora temas como as lutas dos trabalhadores rurais, as injustiças sociais, a exploração econômica e as relações humanas na região cacauzeira da Bahia utilizando-se de personagens e enredos que refletem a diversidade e as particularidades da cultura, sociedade e das relações humanas inseridos nesse contexto específico. "Terras do Sem Fim" é uma obra importante da literatura brasileira que aborda questões sociais políticas da época em que foi escrita e ainda tem relevância nos dias de hoje.

O *lugar* faz parte da dinâmica do espaço geográfico e está em constante mudança, por isso é essencial analisar o seu conceito para começar a entendê-lo. Carlos (2007) fala sobre o lugar e as práticas cotidianas dizendo que o plano do lugar é entendido na reprodução da vida e do espaço que constitui a identidade criada a partir dos usos, uma vez que o cidadão se relaciona com o lugar e com as pessoas e cria uma rede de relações para seu desenvolvimento nesse meio no qual está inserido.

E com isso a importância de se analisar e estudar esse conceito em relação a dinâmica espacial ao qual estamos afixados. E dentre suas inúmeras formas de interpretá-las a literatura é uma dessas ferramentas no qual será abordada através de algumas obras da literatura nacional. O espaço, o lugar e a paisagem são categorias de análise em Geografia. Onde esses temas são trabalhados de forma horizontal; Observamos os objetos e os lugares em um espaço. A paisagem contém os atributos do mundo vivido. De acordo com Relph (1979, p.16): "Lugares têm paisagens, paisagens e espaços têm lugares". Por outro lado, Tuan (1983, p. 180), em seu livro Espaço e Lugar aponta que na perspectiva da experiência "a arte literária chama a atenção para as áreas de experiência que de outro modo passariam despercebidos [...] uma função da arte literária é dar visibilidade a experiências íntimas, inclusive às de lugar". espaço e lugar se fundem, como caráter externo da geografia. Espacialidade que se constrói a partir da realidade tanto a geográfica como a literária.

Castells (1999) entende a identidade como fonte de significado e experiência de um povo. Para ele, a identidade é "o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o qual prevalece sobre outras fontes de significado" (p. 22).

Em nossa proposta, buscamos identificar os elementos narrativos que nos ajudam a interpretar os conceitos de *território* e *lugar* na obra de Jorge Amado. Juntamente, procurando

compreender como a linguagem literária, seus aspectos e formas, promovem um arcabouço para o entendimento de uma sociedade em seu contexto temporal e espacial.

Para prosseguimento da pesquisa, a saber: os caminhos para uma análise de conceitos da geografia pela narrativa das obras literárias em especial do autor Jorge Amado, foi realizado uma pesquisa entre as referências bibliográficas de natureza acadêmica abrangendo áreas da geografia, literatura e conceitos geográficos.

As fontes consultadas foram: artigos científicos, fichamentos de textos e das obras a serem analisadas, organização do material consultado, das referências bibliográficas organizadas, selecionadas, além da própria obra analisada.

No decorrer da pesquisa foram adotados os seguintes critérios: identificação de conceitos geográficos utilizados na explicação do contexto; análise da obra literária à margem dos conceitos entre as fontes de fundamentação teórica; organização do material de leitura e produção de mapa para melhor compreensão da proposta.

2. CAPÍTULO 1: O CONTEXTO DO CICLO DO CACAU E AS INFLUÊNCIAS NA OBRA DE JORGE AMADO.

O romance *Terras do Sem Fim* busca evidenciar particularmente o ciclo do cacau, onde o enredo está focado na disputa da terra. A mata de Sequeiro Grande, assim intitulada, tem como alcunha “as melhores do mundo para o plantio do cacau” (AMADO, pág. 40), Conforme Sousa (2001, pág. 85) “a mata do Sequeiro Grande, é a representação das últimas terras disponíveis para o plantio do cacau [...] seduziu os coronéis para um mundo sem limites, no mistério de seu espaço indefinidamente prolongado.” na região do sul baiano.

A mata intocada no seu meio natural ganha relevância no contexto social no momento da interferência humana, que sempre é justificada pela ótica do viés econômico. Onde o coronel Juca Badaró não visualizava a mata virgem inalterada à sua frente e sim “ Via o campo cultivado de cacauzeiros, as árvores dos frutos de ouro regularmente plantados, os cocos maduros, amarelos. Via as roças de cacau se estendendo na terra onde antes fora a mata. Nada mais belo no mundo que as roças de cacau.” (AMADO, pág. 40). Em concordância com Sousa (2001, pág. 87) “Ocupar a selva, transformá-la em roça de cacau, era um propósito que impunha vencer resistências naturais da mata, era desbravar. Era um mundo de coisas a fazer: terra a povoar, campos a lavar, estradas a abrir, moléstias a combater, transporte a estabelecer.

Dessa forma, as características socioeconômicas que fomentam a existência e o avanço sob o meio natural, tornam-se as conquistas históricas do ser humano, uma vez que a transformação do meio ambiente pelo ser humano é ao mesmo tempo uma modificação de si mesmo e dos outros.

“Era a inserção do espaço num novo tempo, era a implantação de uma cultura portadora de uma noção de história, que se colocava como mais avançada, submetendo ao seu interesse o espaço tempo original (o da mata).” (SOUSA, p. 87)

A narrativa de *Terras do Sem Fim* coloca o leitor em contato direto com as experiências coloniais da história da formação brasileira e, assim, proporciona uma concepção do que foi a ocupação, o povoamento, a apropriação, a afirmação sobre o meio e sobre o ser humano.

Retomando, o cacau e os demais produtos agrícolas pertencem ao que Caio Prado Júnior denominou de “Grandes Lavouras”, as quais compõem a economia da colônia. Deste

modo, o cacau como produto agrícola aparece primeiro na região amazônica, mais na região do atual estado do Pará, tornando-se o principal produto da região norte, por volta do último período do século XVIII. Dessa maneira, conforme Prado Júnior:

O cacau constituía a principal atividade agrícola das capitanias setentrionais: o Pará e o Rio Negro. Trata-se de um gênero espontâneo da floresta amazônica, explorado desde os primeiros tempos da penetração do vale. Na segunda metade do século começa a ser cultivado regularmente. Pouco depois é levado para o Maranhão, e também começa a ser plantado em Ilhéus, na Bahia, que se tornará mais tarde, e até hoje, como se sabe, o maior centro produtor de cacau do país (2044, p.155).

Referente a chegada do cacau a Bahia, o autor Antônio Pereira Sousa diz em sua obra “Tensões do tempo”

As sementes do cacau foram trazidas do Pará pelo colono francês Luiz Frederico Warneaux e aqui plantadas em 1746 por Antonio Dias Ribeiro, em sua fazenda Cubículo, às margens do Rio Pardo, atual município de Canavieiras. Desse primeiro plantio, o cacau foi se espalhando por diversas regiões do sul da Bahia. A trajetória da lavoura cacaueira, inicialmente simples planta exótica, cultivada em fundo de quintais, vai, lentamente, ganhando importância, graças ao interesse de modestos fazendeiros, autênticos pioneiros e desbravadores, sem qualquer apoio de terceiros ou oficial. O desenvolvimento mais significativo dessa lavoura veio a ocorrer nas proximidades da vila de São Jorge dos Ilhéus. Ali o cultivo do cacau se firmou como monocultura de exportação. Embora o cacau começasse a comparecer regularmente como produto de exportação desde 1830, nota-se um crescimento em ritmo bastante moderado até 1860. A partir deste ano, os resultados das exportações demonstraram que a lavoura se afirmou e vai ganhando expressão cada vez maior até assumir, a partir de 1904, a liderança na pauta estadual de exportação, assegurando essa posição para muito além do final da Primeira República. (SOUSA, 2001, p. 34 e 35)

“Até o final do século XIX, em torno de 1860, a cacauicultura poderia ser considerada como mais uma atividade ligada à policultura baiana. O processo regional, como espaço monocultor, vem se firmar, por definitivo, nas três primeiras décadas do século XX.” (SOUSA, p. 73). Em sua pesquisa Caio Prado Júnior (2004) disserta sobre os deslocamentos das áreas de produção que, em resumo, seriam: no século XVII ocorreu a migração do litoral para o interior; no século XVIII aconteceu o deslocamento do interior para o litoral e no século XIX o movimento do litoral para o interior. E, como é de se verificar, a narrativa de Amado propõe, no século XX, a trajetória contrária, dadas às condições favoráveis ao cultivo do cacau: terra fértil e ociosa, bem como mão de obra fácil devido ao início da decadência do ciclo da cana-de-açúcar na região do Nordeste e no escoamento da produção. “A presença desses migrantes foi fundamental no processo por que teve de passar o espaço para organizar

a sua base econômica fundada na monocultura do cacau.” (SOUSA, pág. 77). Em função disso, possibilitou a geração de uma sociedade que começava a instaurar uma organização própria, dominada por grandes produtores rurais, geradora de uma política que passou a defender a manutenção da organização econômica em desenvolvimento e de uma estrutura ideológica de reprodução dessa nova sociedade regional de mando absoluto. A historiadora Angelina Garcez registra:

Nenhum outro município do Estado, nem mesmo o da Capital, conheceu taxa de crescimento igual. Entre 1892 e 1920, a população do eixo Itabuna/Ilhéus passou de 7.620 habitantes para 105.892 habitantes, correspondendo a um crescimento médio anual da ordem de 6,98%, enquanto o crescimento da população do Estado no mesmo período era de 1,99% ao ano. SOUSA (2001, p. 77) *apud* GARCEZ, (1977).

Em resumo, o fascínio pela prosperidade do cacau despertou nos migrantes e Jorge Amado trouxe esse contexto em *Terras do Sem Fim*, “esse ouro que nasce nas terras de Ilhéus, da árvore do cacau.” (AMADO, pág. 22).

2.1. O ESTILO LITERÁRIO DE JORGE AMADO

O romance em análise, *Terras do Sem Fim*, faz parte do movimento modernista, mais especificamente da segunda fase do modernismo: 1930-1945. O qual apresenta como uma de suas características a “vertente regionalista”, no qual a obra em questão está inserida.

Entre os críticos literários que tratara do regionalismo na literatura no Brasil, temos: Antonio Candido, Afrânio Coutinho, Alfredo Bosi que são alguns dos principais nomes da teoria da literatura. Na maior parte de sua obra, Antonio Candido analisa o papel da produção regionalista na história literária. Essa situação presta-se a uma explicação dos movimentos intelectuais do contraste entre o localismo e o cosmopolita. Isso justifica os estudos do crítico Candido, como elemento que traz condições históricas da literatura no Brasil. É importante perceber as cargas semânticas das palavras conforme seus empregos e contextos, como por exemplo, o emprego do termo “regionalismo”, interpretado, às vezes, como de menor qualidade na literatura. Observando por este lado do subdesenvolvimento, a palavra “regionalismo”, temos um discurso coberto de preconceito, o que geralmente causa depreciação, haja vista a carga semântica da expressão “regionalismo” ser carregada, na maioria das vezes, de sentido que remete a nacionalismos sendo uma coisa pobre de espírito,

de baixo valor. Por outro lado, a expressão ‘literatura regionalista’, que Amado (1995, p. 146) aponta que “grande parte da denominada literatura regionalista tem o sertão como locus ou se refere a ele”. Esse local pode ser a valorização de individualidades locais em suas formas particulares de demonstrar suas características diversas, a exemplo da exploração descritiva dos lugares geográficos. Afrânio Coutinho (1964, p. 216) define o regionalismo em duas maneiras. De acordo com o autor:

Num sentido largo, toda obra de arte é regional quando tem por pano de fundo alguma região particular ou parece germinar intimamente desse fundo. Nesse sentido, um romance pode ser localizado numa cidade e tratar de um problema universal, de sorte que a localização é incidental.

O teórico define, em uma segunda concepção, o regionalismo autêntico apontando que ser regional não necessariamente a obra não somente seja localizada numa região, mas que possa remover suas substâncias reais das singularidades desse local. A substância é definida por Coutinho, (1964, p. 216) como:

Mais estritamente, para ser regional uma obra de arte não somente tem que ser localizada numa região, senão também deve retirar sua substância real desse local. Essa substância decorre, principalmente, do fundo natural - clima, topografia, flora, fauna, etc. - como elementos que afetam a vida humana na região; e em segundo lugar, das maneiras peculiares da sociedade humana estabelecida naquela região e que fizeram distinta de qualquer outra. Esse último é o sentido do regionalismo autêntico (COUTINHO, 1964, pág. 216)

A essência da ficção regionalista está apresentada em um primeiro plano que é caracterizado pelos costumes locais de específica região, como os elementos físicos, afirmando assim o regionalismo é a expressão literária que valoriza a força que há nas originalidades locais, nas suas formas particulares de expor, tal como na exploração descritiva do lugar geográfico.

O romance analisado neste estudo, tomando como base as definições de regionalismo mencionado, confirma que o mesmo faz parte do que o crítico denominou de regionalismo autêntico, pois o escritor Jorge Amado descreve de tal maneira os traços do quadro natural e os elementos que afetam a vida humana na região cacaueira da Bahia quanto as singularidades da sociedade grapiúna que constituem e distinguem a região apontada.

Embora o cacau tenha sido o pilar do desenvolvimento econômico, social e cultural dessa região, a identidade grapiúna não pode ser totalmente explicada apenas pelo cultivo do cacau. Existem outros fatores que desempenham um papel crucial na formação dessa

identidade única, o cultivo do cacau não era exclusivo da região, já que também ocorria em outras partes do mundo, como em outros países da América Latina e na África.

No entanto, o que diferencia a identidade grapiúna é a maneira como os indivíduos e grupos sociais da região interagiram com os elementos naturais, como a terra, adaptaram-se e transformaram o ambiente geográfico e mesclaram suas culturas para criar novos códigos culturais. Essa interação única entre os habitantes da região e seu ambiente resultou em uma diferenciação espacial e sociocultural, dando origem a uma identidade grapiúna distinta.

É nesse sentido que concordamos com Adonias Filho (2007) quando o autor afirma que a uniformidade ecológica, flora, fauna e clima não bastam para justificar a civilização do cacau. Assim, “a estrutura social e a organização econômica – sempre resultantes do cacau – a completam como fornecedoras de normas, convivências e identidades e fins que asseguram regionalmente a integração” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 10).

O grapiúna na visão de Jorge Amado é primeiramente um ser envolvido direta ou indiretamente com o cacau. Tem sua vida amarrada às cadeias deste cultivo, ou seja, possui o visgo do cacau. O grapiúna é visto pelo autor como, destemido e se orgulha de pertencer à região cacaueira da Bahia, região esta cuja identidade se construiu a partir da diferença haja vista que surge de diferentes contextos sociais, que ao se encontrarem misturaram-se configurando assim uma região cultural. Em resumo, a identidade grapiúna é o resultado de uma interação complexa entre o cultivo do cacau, a geografia da região, a cultura local e as dinâmicas sociais e econômicas.

A respeito de Jorge Amado, constatamos a maneira eficiente que o romance com geografia se notabiliza, pela forma que o autor descreve as paisagens e faz com que se desenhe na nossa mente de forma tão nítida quase que podendo “enxergar” o espaço que o autor retrata a característica pela qual o escritor procura a “realidade” na formação dos personagens, expondo o drama humano com uma forte intensidade.

Assim a “paisagem regional, que, pelas suas variações de fisionomia geográfica, sempre inspirou a transmissão das mais diversas experiências com o espaço por meio da literatura nacional, graças às características peculiares que as regiões brasileiras apresentam nos seus aspectos naturais e humanos, e que moldam até hoje a realidade da organização dos espaços.” (LIMA, 200, pág. 23).

Portanto, os ciclos regionalistas da literatura nacional, “se alimentam das peculiaridades regionais do país, muitas vezes em tons de denúncias de situações sociais e humanas dramáticas e deploráveis” (LIMA, 2000, pág. 23) tendo em vista descrições marcantes do indivíduo e da paisagem como também das unidades e dos aspectos da paisagem, caracterizando os diversos ângulos da realidade do lugar.

Dessa forma, há que se destacar também a dimensão do espaço vivido representado nas obras de ficção dos autores regionalistas. A esse respeito, Lima (2000) afirma que,

Através das obras de cunho regionalista, podemos analisar o poder de visualização de um quadro ou situação de um dado momento mediante a percepção do escritor, fundamentado talvez em suas memórias, impressões, observações dos lugares em que viveu ou simplesmente, atravessou enquanto viajante, chegando então mais próximo da compreensão do espaço vivido (LIMA, 2000, p.26).

Desta forma, é necessário realizar uma interpretação das obras, como uma forma de compreensão da realidade. Silva e Barbosa (2014, p. 86) destacam isso, ao afirmar que ao realizar a análise geográfica de uma obra,

Não buscamos o engessamento da obra literária a partir das categorias, teorias e conceitos geográficos, mas as correspondências entre os elementos da obra literária e as preocupações geográficas, em outras palavras, não podemos ir até o texto procurar elementos que não compõem o repertório da criação literária do autor, mas identificar retas interpretativas simbólicas que permitam a compreensão da obra pelos cruzamentos e paralelismos com a ciência geográfica, que revelem o espaço na sua multidisciplinaridade escalar. (SILVA e BARBOSA, 2014, p. 86).

Em resumo, a literatura de Jorge Amado estimula diferentes compreensões da geografia do local com uma abordagem sob diferentes perspectivas dentro da categoria de análise histórica e geográfica, no estudo do lugar, possibilitando que o indivíduo, na compreensão de fatos tanto socioespaciais, quanto culturais que permeiam seu espaço de convivência, possa ter uma leitura significativa do presente e do passado, bem como a influência entre esses períodos em todos os contextos possíveis, além do entendimento do território no qual o indivíduo se encontra inserido. Jorge Amado é um autor que ajudou a revelar e construir a identidade e os sentimentos baianos, descrevendo a sociedade cacauzeira do sul da Bahia em suas narrativas.

3. CAPÍTULO 2: TERRAS DO SEM FIM

“Nunca mais eu vou voltar,

Nessas terras vou morrer.” (Terras do Sem Fim, Jorge Amado)

Este capítulo tem por objetivo um resumo de Terras do Sem Fim e proporciona uma análise geográfica da obra, compreendendo os sujeitos presentes na narrativa desenvolvida do livro, sua estrutura e as transformações da paisagem e do lugar no pensamento dos personagens da história.

O capítulo intitulado “O Navio” os trabalhadores embarcam em um navio que os levará para as terras do Sul da Bahia, onde esperam encontrar oportunidades e condições melhores de vida para sobreviverem. E neste início temos a apresentação do personagem João Magalhães, um aventureiro habilidoso e trambiqueiro que ganha a vida jogando cartas com os velhos coronéis da região. Essa cena inicial nos revela a dinâmica de poder existente na região, onde os coronéis detêm grande influência e riqueza, enquanto pessoas como João tentam se beneficiar de suas fraquezas.

O apito do navio era como um lamento e cortou o crepúsculo que cobria a cidade. O capitão João Magalhães encostou-se na amurada e viu o casario de construção antiga, as torres das igrejas, os telhados negros, ruas calçadas de pedras enormes[...] Novamente o navio apitou rasgando o crepúsculo que envolvia a cidade da Bahia. João estendeu os braços num adeus. Era como se tivesse se despedindo de uma bem-amada, de uma mulher cara ao seu coração. (AMADO, 2012 [1943], p. 13).

Nota-se, a presença da nostalgia e saudades a partir do lugar no qual João estava e que naquele momento estava deixando na busca de um novo destino. A mudança de lugar muitas vezes desperta sentimentos de nostalgia por aquilo que está sendo deixado para trás, bem como saudades das pessoas e lugares conhecidos.

Também somos apresentados ao personagem Antônio Vítor, um jovem trabalhador rural [posteriormente se torna um jagunço], que buscava conquistar uma roça de cacau e ajudar sua família, porém é questionado por outros passageiros que diziam que Antônio não voltaria nunca mais para seu lar de origem, sugerindo que a jornada de Antônio Vítor é vista com ceticismo pelos outros personagens, associados aos desafios e perigos na busca por terras de cacau em Ilhéus.

Nas noites de lua, quando as estrelas enchiam o céu, tantas e tão belas que ofuscavam a vista, os pés dentro da água do rio, ele planejava a vinda para estas terras de Ilhéus. Homens escreviam, homens que haviam ido antes, e contavam que o dinheiro era fácil, que era fácil também conseguir um pedaço grande de terra e plantá-la com uma árvore que chamava cacauzeiro e que dava frutos com de ouro. A terra estava na frente dos que chegavam e não era ainda de ninguém. Seria de todo aquele que tivesse coragem de entrar mata adentro, fazer queimadas, plantar cacau, milho e mandioca, comer alguns anos farinha e caça, até que o cacau comesse a frutificar[...]. De quando em vez também chegava a notícia de que um morrera de um tiro ou mordida de uma cobra, apunhalado no povoado ou baleado na tocaia. Mas que era a vida diante de tanta fartura? (AMADO, 2012 [1943], p. 20)

Com esse ideal de progresso em terras com pouca socialização, essa massa miserável será apreendida nesse espaço, esse mesmo contingente de pessoas será absorvido em um ambiente que permite pouca interação, deste modo, inseridos em uma condição de desigualdade. As descrições que contrariam as ideias da terra a ser conquistada não permitem desistir do desafio, pois os relatos de “sucesso” se sobressaem a qualquer outra proteção. Aqui, como em outras narrativas limitantes, a mata virgem não desbravada se contrapõe à distância na ótica do viajante sonhador.

No capítulo intitulado “A Mata”, o autor apresenta na sequência a narrativa. Essa mata por nome de Sequeiro Grande, será o palco principal da disputa de poder dos irmãos Badaró com o coronel Horácio da Silveira e seus jagunços aliados. Jorge Amado insere esse importante personagem de uma maneira poética e contendo referências geográficas.

A mata dormia o seu sono jamais interrompido. Sobre ela se passavam os dias e as noites, brilhava o sol do verão, caíam as chuvas do inverno. Os troncos eram centenários, um eterno verde se sucedia pelo monte afora, invadindo a planície, se perdendo no infinito. Era como um mar nunca explorado, cerrado no seu mistério. A mata era como uma virgem cuja carne nunca tivesse sentido a chama do desejo. E como uma virgem era linda, radiosa e moça, apesar das árvores centenárias...

A mata dormia. As grandes árvores seculares, os cipós que se emaranhavam, a lama e os espinhos defendiam o seu sono.

Da mata, do seu mistério, vinha o medo para o coração dos homens. Quando eles chegaram, numa tarde, através dos atoleiros e dos rios, abrindo picadas, e se defrontaram com a floresta virgem, ficaram paralisados pelo medo. A noite vinha chegando e trazia nuvens negras com ela, chuvas pesadas de junho. (AMADO, 2012 [1942], p. 37)

Essa descrição da floresta de Sequeiro Grande é um recorte da mata atlântica no sul da Bahia em que o autor trabalha essa beleza do quadro natural baiano em sua obra. A mata que descansava em paz e transmitia certo pavor aos homens que recém chegavam. Afinal “a

floresta pode ser a treva, e pode ser também, tão somente uma floresta” (OLIVEIRA JR., 2002, p. 292).

Os homens se encolheram com medo, a mata lhes infundia um respeito religioso[...] A tempestade caiu, raios que cortavam o céu, trovões que ressoavam como o rilhar dos dentes dos deuses da floresta ameaçada. Os raios iluminavam por um minuto a mata, mas os homens não viam nada mais do que o verde-escuro das árvores, os sentidos todos presos aos ouvidos que ouviam, juntamente com o silvo das cobras em fuga e com o miado das onças aterrorizadas, as vozes terríveis das assombrações soltas na mata... Deixaram cair os machados, os serrotes e as foices. Estão inertes diante do espetáculo terrível da mata...Diante dos homens está a mata, é o passado do mundo, o princípio do mundo. (AMADO, 2012 [1942], p. 38 e 39).

A floresta que era desejada pelos coronéis que pretendiam conquistá-la, levá-la ao chão e plantar cacau. No trecho que segue observa-se a ânsia do Coronel Juca Badaró imerso no interesse de estender seus poderes nos domínios da floresta, levando suas fazendas de cacau.

Mas Juca Badaró não via na sua frente a mata o princípio do mundo. Seus olhos estavam cheios de outra visão. Via aquela terra negra, a melhor terra do mundo para o plantio de cacau... Via o campo cultivado de cacaueiros, as árvores dos frutos de ouro regularmente plantados, os cocos maduros, amarelos [...] Juca Badaró, diante da mata misteriosa, sorria. Em breve ali seriam os cacaueiros, carregados de frutos, uma doce sombra sobre o solo.” (AMADO, 2012 [1942], p. 40)

O olhar do coronel era norteador pela sua vivência na região cacaueira, decorrido da prática de cultivar e colher cacau, vivendo na mata e rodeado da imensidão amarela do fruto do cacaueiro e das formas de viver e de se relacionar.

O ser humano e a mata são direcionados por um raciocínio que impulsiona, a primeira cena: o sujeito luta contra a floresta, mas é refém da natureza, tem medo dela. No segundo exemplo, Badaró deseja o cacaueiro, apesar da força da natureza, é sobre o sentido de conquistar e dominar a paisagem. Permanecer um determinado tempo em um lugar permite ao indivíduo criar significações para este local, construindo afeições e desafetos, dotando-o, portanto, de significação (ARAÚJO; MOURA 2016, p. 4).

A única forma possível de conquistar esse território pelos poderosos da terra da região era apenas uma: a luta, o mecanismo da violência como tocaias, grilagem de terras, comprando advogados e confiando na pontaria de seus jagunços. Com isso o espaço da região cacaueira do sul baiano se estabelece por meio dos conflitos entre os grandes agricultores e pela expropriação dos menores agricultores.

3.1. DE VILAREJO À CIDADE: A FORMAÇÃO DO LUGAR

No capítulo que tem como título “Gestão de Cidades”, Jorge Amado narra de maneira pontual o crescimento dos povoados de Tabocas (atual Itabuna¹), Ferradas (atualmente um bairro de Itabuna²), Pirangi (atual Itajuípe³) e o crescimento da cidade de Ilhéus, narrando cronologicamente essas transformações no espaço e a alteração da paisagem.

Ferradas nascera em torno do Armazém de Cacau que Horácio fizera construir ali. Ele precisava de um depósito onde juntar o cacau já seco das suas diversas fazendas. Ao lado do Armazém foram surgindo casas, em pouco tempo se abriu uma rua de lama, dois ou três becos a cortaram, chegaram as primeiras prostitutas e os primeiros comerciantes. Um sírio abriu uma venda, dois barbeiros se estabeleceram vindos de Tabocas, passou a haver feira aos sábados. Horácio mandava abater dois bois pra vender a carne. Tropeiros, que vinham conduzindo tropa de cacau seco das fazendas mais distantes, pernoitavam em Ferradas, os burros vigiados por causa dos ladrões de cacau. (AMADO, 1942, pág. 119)

Todo esse fluxo migratório, sem dúvida, contribuiu para o surgimento das localidades comentadas. É importante salientar também que toda essa variedade de sujeitos envolvidos na ocupação das terras do sul da Bahia, irá integrar a chamada identidade grapiúna da qual nos fala Jorge Amado da referida região cacauceira.

Era assim as histórias do povoado de Ferradas, feudo de Horácio, coito de bandidos. Dali partiam para as matas os desbravadores de terra. Era um mundo primitivo e bárbaro cuja única ambição era dinheiro. Cada dia chegava gente desconhecida em busca de fortuna. De Ferradas, partiam as novas estradas recém-abertas de terra do cacau.” (AMADO, 1942, pág. 122).

Podemos analisar neste trecho brevemente a história do povoado de Ferradas como um lugar associado a Horácio e as atividades ilegais, sendo capaz de destacar os aspectos complexos e desafiadores do desenvolvimento da região, incluindo conflitos e questões sociais

A região foi constituída com base na concentração fundiária e o poder político residual nas mãos dos coronéis, em sua grande maioria, fazendeiros do cacau (SANTOS, 1957 *apud* RANGEL, 2013).

O vertiginoso crescimento e os ganhos financeiros procedentes do cacau se deu em um ambiente de valorização internacional da produção, com constante processo migratório e abertura de novas fazendas e cidades, principalmente durante os anos 1920-1930 (Séc. XX).



Figura 1- Lugares-referência na obra (Ilhéus, Itabuna e Ferradas). Retirado de IBGE: 1969.

O antigo arraial de Tabocas (onde se desenvolve parte da trama) é a atual cidade de Itabuna, e em torno dela orbitam uma série de lugares descritos na obra.

Primeiro não teve nome, quatro ou cinco casas apenas à margem do rio. Depois foi o povoado de Tabocas, as casas se construindo umas atrás das outras, as ruas se abrindo sem simetria ao passo das tropas de burros que traziam o cacau seco. A estrada de ferro avançou de Ilhéus até ali e, em torno dela, nasceram novas casas. Em Tabocas se levantaram casas de tijolos e também casas de pedra e cal, com telhados vermelhos, com janelas de vidro. Uma parte da rua central tinha sido calçada de pedras. É verdade que as outras ruas eram um puro lamaçal, revolido diariamente pelas patas dos burros que chegavam de toda zona do cacau. As ruas se abriam em armazéns onde o cacau era depositado[...] Do outro lado do rio já se levantavam várias casas e começava-se falar em construir uma ponte que ligasse os dois pedaços da cidade. Os habitantes de Tabocas tinham uma grande reivindicação: que o povoado fosse elevado à categoria de cidade e propuseram o nome de Itabuna. (AMADO, 1942, pág. 124)

Jorge Amado procura trazer para sua obra informações referentes a Ilhéus e dos outros lugares que compõem a narrativa na geografia, aspectos físicos e a economia baseada na monocultura do cacau, aspectos socioculturais em sua maioria com riqueza de detalhes e também o cotidiano da população no seu particular.

Ilhéus nascera sobre ilhas, o corpo maior da cidade numa ponta de terra, apertado entre dois morros, Ilhéus subira por esses morros - o do Unhão e da Conquista - e invadira também as ilhas vizinhas. Numa delas ficava o arrabalde de Pontal onde a gente rica da cidade tinha suas casas de veraneio. A população crescia assustadoramente desde que a lavoura do cacau se estendera. Para Ilhéus saía para a Bahia quase toda a produção do sul do Estado.” (AMADO, 1942, pág. 171)

O trecho descreve a geografia e a expansão da cidade de Ilhéus, que nasceu em ilhas, com a maior parte da cidade situada numa península de terra cercada por dois morros (Unhão e Conquista). Ao longo do tempo, a cidade cresceu, estendendo-se pelos morros e invadindo as ilhas vizinhas. Uma dessas ilhas, chamada de Pontal, era onde a elite rica da cidade tinha suas casas de veraneio. Esse crescimento acelerado se deve ao boom da produção de cacau que ocasiona o desenvolvimento econômico na região

Segundo Falcón (2010), Ilhéus¹ No início do século XIX não passava de um pequeno povoado fundado pelos jesuítas cuja edificações mais importantes era uma igreja e um colégio tendo pouco mais de mil habitantes que ocupavam a região, pois foram derrotadas as várias tentativas de desenvolvimento da região a partir do cultivo da cana de açúcar. Foi somente a partir da implementação da cacaucultura que houve o crescimento do povoado, sendo, portanto, o cacau o responsável pela elevação de Ilhéus à categoria de cidade no ano de 1881.

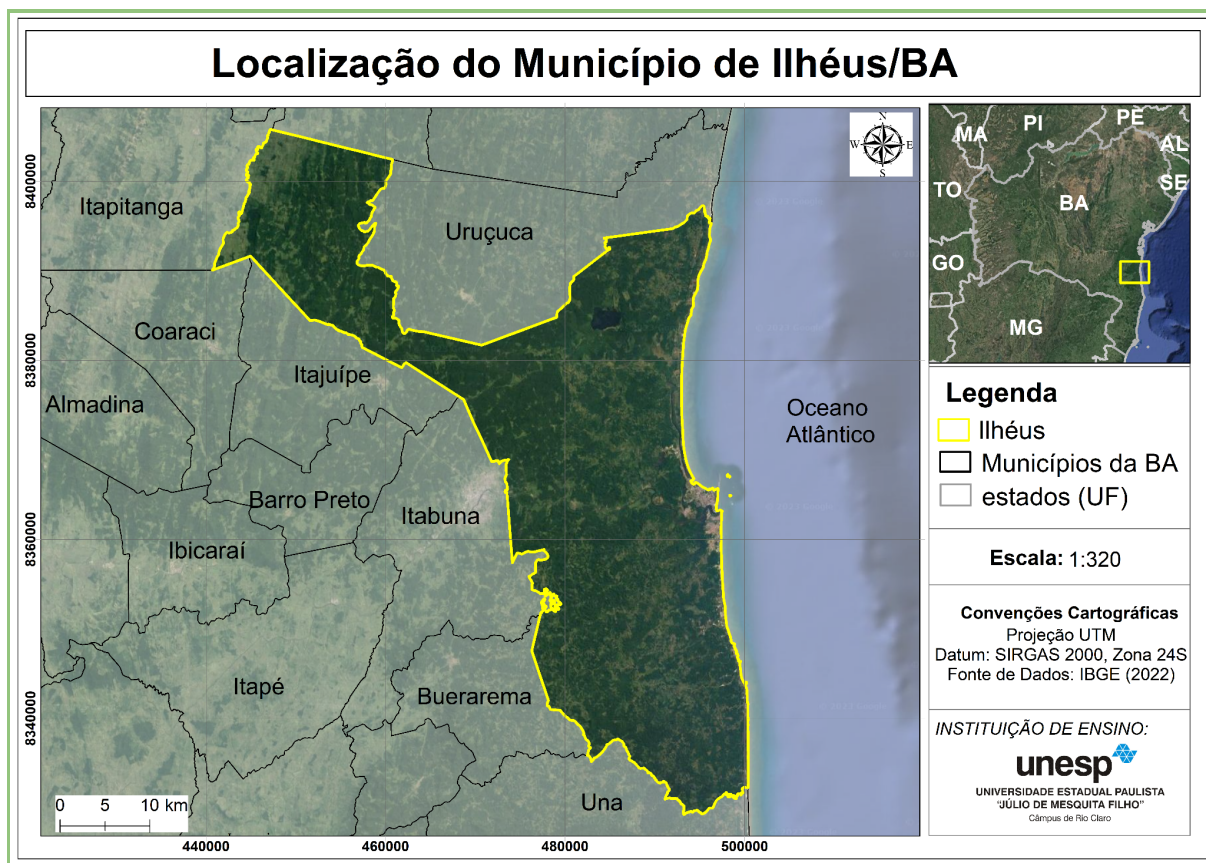
O progresso chega em Ilhéus pela transformação das ruas e calçadas que agora são de paralelepípedos que inflava de vaidade o peito dos moradores. O cacau entrava na cidade em carroças puxadas por cavalos que paravam em ruas próximas à estação. Era depositado nos grandes armazéns próximos ao porto. Cacau esse que já vinha pela estrada de ferro e não mais no lombo de muares. A grande preocupação dos produtores era o porto da cidade que comportava apenas um navio atracado. “Ilhéus nascera sobre ilhas, o corpo maior da cidade numa ponta de terra, apertado entre dois morros. Ilhéus subira por esses morros - o do Unhão e da Conquista - e invadira também as ilhas vizinhas.” (pág. 171). Com isso notamos a transformação na dinâmica da paisagem e social na cidade.

¹ Ilhéus Elevada à categoria de vila com a denominação de Ilhéus, em 1535. Distrito criado com a denominação de Ilhéus, em 1556 e por Lei Estadual n.º 905, de 06-11-1912. Elevada à condição de cidade e sede do município com a denominação de Ilhéus, pela Lei Provincial n.º 2.187 de 28-06-1881. Instalada em 14-08-1881.

A vida da cidade e dos povoados era alimentada pelo cacau. Por detrás de cada negócio que era feito, de cada casa construída, de cada armazém, de cada loja aberta, de cada caso de amor, de cada tiro trocado, lá estava a presença do cacau. Foi a força do cacau, ainda, que estimulou o surgimento dos palacetes dos coronéis, edificados nas cidades, fechados grande parte do ano, habitados somente por ocasião das festas da Igreja. Cada palacete era uma vitrine de demonstração de riqueza que transcendia a importância das formas arquitetônicas que lhes davam imponência (SOUSA, 2001, p. 113)

No contexto geral, é enfatizado o papel central do cacau na vida econômica e social da comunidade descrita. É também destacado como a produção de cacau não apenas sustentava a vida das pessoas, mas também contribuía para a exibição ostensiva de riqueza através da construção de palacetes pelos fazendeiros ricos.

“Em Ilhéus podia-se medir a fortuna dos coronéis pelas casas que possuíam. Cada qual levantava uma casa melhor e aos poucos as famílias iam se acostumando a demorar mais na cidade que nas fazendas.” (pág. 171). O sucesso econômico gerado pelo cacau permitiu que os proprietários de terras e fazendas (os coronéis) construíssem palacetes impressionantes na cidade de Ilhéus, essas mansões eram demonstrações de riqueza e status social. Os palacetes não eram apenas residências, mas também símbolos visíveis de prosperidade.



Mapa 1: Localização do Município de Ilhéus. Elaboração: Rodrigo Matos.

4. CAPÍTULO 3: O TERRITÓRIO NA OBRA TERRAS DO SEM FIM

Território, corresponde a “poder”, mas não apenas ao convencional “poder político”. Ele diz respeito de tal maneira ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação. Lefebvre distingue apropriação de dominação (“posseção”, “propriedade”), o primeiro sendo um processo muito mais simbólico, carregado das marcas do “vivido”, do valor de uso, o segundo mais concreto, funcional e vinculado ao valor de troca. De acordo com o autor:

O uso reaparece em acentuado conflito com a troca no espaço, pois ele implica “apropriação” e não “propriedade”. Ora, a própria apropriação implica tempo e tempos, um ritmo ou ritmos, símbolos e uma prática. Quanto mais o espaço é funcionalizado, tanto mais ele é dominado pelos “agentes” que o manipulam tornando-o unifuncional, menos ele se presta à apropriação. Por quê? Porque ele se coloca fora do tempo vivido, aquele dos usuários, tempo diverso e complexo. (Lefebvre, 1986:411-412, grifo do autor).

É interessante observar que, enquanto “espaço-tempo vivido”, o território é sempre múltiplo, “diverso e complexo”, ao contrário do território “unifuncional” proposto pelo raciocínio capitalista hegemônico. Podemos assim afirmar que o território, imerso em relações de dominação e/ou de apropriação sociedade-espaço.

Embora Lefebvre mencione sempre a espaço, e não a território, podemos notar que não se refere a um espaço no sentido genérico, menos ainda a um espaço natural. Refere-se, isto sim, a um espaço-processo, um espaço socialmente construído, algo como na distinção entre espaço e território feita por autores como Raffestin (1993[1980]). Dessa maneira, podemos afirmar que o espaço trabalhado por Lefebvre é “um espaço feito território” através dos processos por ele denominados de apropriação (que começa pela apropriação da própria natureza) e dominação (mais característica da sociedade moderna, capitalista). Desta maneira devemos primeiramente distinguir os territórios de acordo com os sujeitos que os constroem, sejam eles indivíduos, grupos sociais, o Estado, entre outros. Sack afirma também que, “a territorialidade, como um componente do poder, não é apenas um meio para criar e manter a ordem, mas é uma estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico através do qual nós experimentamos o mundo e o dotamos de significado”. (1986:219)

Em vista disso, todo o território é imprescindivelmente, em diferenciadas combinações, funcional e simbólico, uma vez que exercemos domínio sobre o espaço tanto para realizar “funções” quanto para produzir “significados”.

Território, assim, em qualquer interpretação, corresponde a “poder”, mas não apenas ao convencional “poder político”. Ele diz respeito de tal maneira ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação. Lefebvre discerne apropriação de dominação (“possessão”, “propriedade”), o primeiro sendo um processo muito mais simbólico, carregado das marcas do “vivido”, do valor de uso, o segundo mais concreto, funcional e vinculado ao valor de troca.

A bordo, pois, os homens que viveriam os últimos dramas das conquistas das terras do cacau estavam se reconhecendo. Na viagem, as categorias sociais iam se revelando. Relações de hierarquia foram se definindo pelos espaços ocupados no navio: na primeira classe estavam os coronéis, na segunda classe, os caixeiros viajantes, jogadores, prostitutas e na terceira classe (nos porões), os trabalhadores destinados às roças de cacau, os futuros “alugados”. (SOUSA, 2001, p. 79)

Como Sousa comenta no trecho, antes do domínio das terras para o cultivo do cacau, se faz necessário estabelecer relações de poder para sistematizar os elementos que são incorporados por meio de violência, jogos políticos. “Essa estrutura social, que começava a se formar, apresentava temporalidades que foram se ajustando a cada outra época presente no navio.”(Sousa, p. 80) e com isso se constitui essa composição social diferenciada, gerando conexões que se sobressaíam e incompatibilidades que iriam gerar processos de convivências tensas, na relação dos interesses voltados para a expansão das roças de cacau, em determinado momento da narrativa, Jorge Amado introduz a figura do Coronel (nos papéis de Juca Badaró e Maneca Dantas) e, ao fazê-lo, entendemos que o autor já deixa elucidado que, embora a região estivesse em processo de formação, nas terras do sul da Bahia já existe uma estrutura social dominante e que aquelas terras, diferente das histórias que contavam não eram terras sem dono, terras de ninguém. Ambas representações, na narrativa ficcional, de homens que se tornaram poderosos no sul da Bahia, herdeiros e continuadores de projetos há muito idealizados, quando tudo era ainda mata virgem.”

Quando ocorre a expansão continuada de dominação da terra pelas relações de poder, do mesmo modo para organização na direção da exploração e a manutenção da mesma, pode-se assim notar o surgimento de território, *a priori*, na extensão apenas do aspecto econômico. Ou seja: antes a terra era apenas uma simples área possuidora de recursos naturais. Compreendemos assim que não há território sem dominação e apropriação, isto é, sem a presença do ser humano e da exploração do mesmo sobre a terra.

4.1. A CONSTRUÇÃO DE SENTIMENTOS NO LUGAR E DA IDENTIDADE NA OBRA AMADIANA

Analisando os personagens da obra de Jorge Amado notamos a visão diferente de lugar que cada personagem apresenta e da forma como cada indivíduo apresenta essas diferentes maneiras de interpretação e como se dá essa estrutura de se relacionar com o lugar. O autor apresenta essas particularidades do ponto de vista da ficção, as vivências dos tropeiros, mulheres, trabalhadores rurais, os coronéis com suas crenças e a forma de lidar com a terra da região cacauzeira. Para Holzer (1999), define-se lugar como:

[...] um centro de significados e, por extensão, um forte elemento de comunicação, de linguagem, mas que nunca seja reduzido a um símbolo despido de sua essência espacial, sem a qual torna-se outra coisa, para a qual a palavra "lugar" é, no mínimo, inadequada. (HOLZER, 1999, p.76).

O geógrafo Milton Santos (2014) entende que o espaço é uma categoria que reflete os impactos da totalidade. Produto da sociedade, o espaço é composto pelas instâncias sociais, tais quais política, cultura e economia. Dessa forma, podemos compreender o lugar a partir daquilo que ocorre sobre ele e sobre como cada processo refaz o lugar e lhe atribui novo sentido. Para Santos (1989, p. 6-7):

Cada localização é (...) um momento do imenso movimento do mundo, contido em um ponto geográfico, um lugar. E é por causa desse movimento social que cada lugar muda sem cessar de significação: a cada instante as frações da sociedade que o concernem, não são as mesmas. Localização e lugar são, portanto, duas coisas distintas. O lugar pode permanecer o mesmo enquanto que as localizações mudam. O lugar é um objeto ou um conjunto de objetos. A localização é um feixe de forças sociais convergentes em um lugar. (Santos, 1989, pp. 6-7).

Mas o lugar também traz uma relação com o cotidiano. O elo afetivo da pessoa com o lugar, segundo Tuan, pode ser chamado também de Topofilia, que segundo o autor: “é um neologismo, útil quando pode ser definido em sentido amplo como elo afetivo dos seres humanos com o meio ambiente material [...]” (1980, p 107). O qual se realiza a partir da experiência e “(...) os lugares como ponto de referência, só passam a produzir sentido a partir do momento em que são ocupados por alguma coisa (GOMES, 2013, p.36)”. Essa é a razão por trás da conquista da “natureza” como construção do lugar, inscrito em Terras do Sem Fim, no qual o autor Jorge Amado argumenta que os lugares ganham significado e tornam-se especiais quando são ocupados e experienciados de alguma forma. Em outras palavras, as pessoas criam um elo afetivo com um lugar por meio das vivências e das memórias que criam

lá. Isso significa que os lugares não têm significado intrínseco, mas obtêm significado por meio das interações humanas.

Como um exemplo do relacionamento entre os personagens e o lugar dá-se pela reação de Margot, a amante francesa de Dr. Rui, como é típico do estranhamento originado pela mudança. Sobre Ilhéus, a capital regional do cacau, confrontam-se opiniões afetivas e conflituosas, como a de Dr. Rui. Sobre a cidade:

MARGOT ESTENDEU A MÃO, APONTOU O TRECHO DE RUA QUE SE VIA pela janela aberta, queria indicar todo o povoado de Tabocas:

- Isto é a última terra do mundoé um cemitério.....

(...)

- Aqui é o mercado de escravos... [sobre Ilhéus]

Doutor Rui: Dizia com um certo orgulho e desprezo, era assim que ele amava aquela cidade que nascera de repente, filha do porto, amamentada pelo cacau, já se tornando a mais rica do estado, a mais próspera também. Existiam poucos ilheenses de nascimento que já tivessem importância na vida da cidade. Quase todos os fazendeiros, médicos, advogados, agrônomos, políticos, jornalistas, mestres de obras eram gente vinda de fora, de outros estados. Mas amavam estranhamente aquela terra venturosa e rica. Todos se diziam grapiúnas e, quando estavam na Bahia, em toda a parte eram facilmente reconhecíveis pelo orgulho com que falavam.

- Aquele é um ilheense....-diziam.

Nos cabarés e nas casas de negócio da capital eles arrotavam valentia e riqueza, gastando dinheiro, comprando do bom e do melhor, pagando sem discutir os preços, topando barulhos sem discutir o porquê. Nas casas de rameiras, na Bahia, eram respeitados, temidos e ansiosamente esperados. E também nas casas exportadoras de produtos para o interior os comerciantes de Ilhéus eram tratados com a maior consideração, tinham crédito ilimitado. (idem, 2009, p.173-174, adaptado).

Percebe-se nesses trechos que as sensações de proximidade e de estranhamento são fabricadas pela relação das pessoas com o lugar, gerando uma série de comportamentos típicos que irão fazer a imagem do ilheense e do grapiúna.

Como explicado anteriormente, toda a ideia de identidade com o lugar na obra amadiana transcorre pelo cacau. É ele que faz a união principal dos sujeitos com o seu lugar, alimenta sonhos, ilusões, ambições, topofilia e topofobia, visto que “à medida que o homem intensifica as experiências vividas nos lugares, ativam-se os sentimentos de pertença e

afetividade, bem como os seus pares antagônicos, o estranhamento e a rejeição” (GONÇALVES, 2010, p. 24-25).

Seguindo nessa perspectiva mais ampla a respeito da relação entre lugar e identidade, tendo o cacau como produtor de sentidos espaciais e identitários, Jorge Amado utiliza a paisagem das roças de cacau como expressão identitária reconhecível apenas pelos grapiúnas, sujeitos do lugar. O autor lança mão do “amarelo das roças de cacau” enquanto um símbolo que somente o grapiúna é capaz de ver/perceber/identificar e a partir dele, reconhecer-se enquanto pertencente ao lugar. Dessa maneira, o lugar possui identidade e ao mesmo tempo é gerador de identidade.

O homem pinica sua viola cada vez mais longe, em breve não se ouvirá sua voz cantando tristezas, se lamentando da vida, pedindo que o enterrem debaixo de um cacauero. ***Dizem que é aquele visgo do cacau mole que prende os homens ali.*** Sinhô Badaró não sabe de ninguém que tenha voltado. Conhecem muitos que se lamentam...se lamentam dia e noite, nas casas, nos botequins, nos escritórios, no cabaré, que dizem que essa terra é desgraçada, é mesmo uma terra infeliz, é o fim do mundo, sem diversões e sem alegria, onde se mata gente por um nada, onde hoje se é rico e amanhã se é pobre...Sinhô Badaró conhece muitos, já ouviu essas conversas dezenas de vezes, já viu homens venderem suas roças, juntarem o dinheiro e jurarem na beira da estrada que nunca mais voltariam. Partiam para Ilhéus para esperar o primeiro navio que saísse para a Bahia. Na Bahia tinham de tudo, cidade grande, comércio de luxo, casa de conforto, teatro e bonde de burro. Lá tinha de um tudo, o homem estava com o dinheiro no bolso, pronto para gozar a vida. ***Mas antes do navio sair o homem voltava, o visgo do cacau está pegando na sola dos seus pés, e ele vinha e enterrava de novo o seu dinheiro num pedaço de terra para para plantar cacauero...*** Alguns chegavam a ir, embarcavam, cortavam as ondas do mar, e aonde chegavam não falavam noutra terra que nessas terras de Ilhéus. E, era certo, tão certo quanto ele se chamar Sinhô Badaró, que, passados seis meses ou um ano, o homem voltava, sem dinheiro, para recomeçar a plantar cacau. Diziam que era o visgo do cacau. Diziam que era o visgo do cacau mole que agarra nos pés de um e nunca mais larga. Diziam as canções cantadas nas noites das fazendas...” (AMADO, 1946 [2012], p. 195, grifo nosso)

Notamos nessa passagem retirada da obra esta relação de certa afetividade com o lugar torna-se mais clara quando envolve o sentimento de nostalgia e apego a terra que se traduz em um constante retorno ao cacau.

Em Santos (2002) a identidade é compreendida como o sentimento de pertencimento, “pertencer àquilo que nos pertence” (p. 10) e está diretamente relacionada à produção e atividade exercidas pelo indivíduo; nesse sentido, para o autor, as identidades são fontes de significado para os próprios sujeitos, por eles originadas, e construídas por meio de um processo de individuação. Mesmo quando as identidades são construídas por instituições dominantes, é preciso que os sujeitos as internalizem, construindo assim seu significado a partir dessa internalização.

Os trabalhadores nas roças tinham o visgo do cacau mole preso aos pés, virava uma casca grossa que nenhuma água lavava jamais. E eles todos, trabalhadores, jagunços, coronéis, advogados, médicos, comerciantes e exportadores, **tinham o visgo do cacau preso na alma**, lá dentro, no mais profundo do coração...Não havia educação, cultura e sentimento que lavassem. Cacau era dinheiro, era poder, era vida toda, estava dentro deles, não apenas plantado sobre a terra negra e poderosa de seiva. Nascia dentro de cada um, lançava sobre cada coração uma sombra má, apagava os sentimentos bons. (AMADO, 1946 [2012] p. 2015) (Grifos nossos)

A relação identitária com a região cacaueira aparece na obra de Jorge Amado principalmente sob a metáfora do “visgo do cacau”. Ter o visgo do cacau preso aos pés, ao coração ou na alma significa uma relação forte com a terra, com a região cacaueira. Ter o visgo do cacau é ser gente do lugar, ou seja, é ser grapiúna. É prender-se e deixar-se estar preso às amarras do cacau e mesmo no tensionamento do cotidiano, deixar aflorar a topofilia.

Referente à construção da identidade, Castells (1999) afirma que toda identidade é construída. Para o autor, a principal questão diz respeito a como, a partir de quê, por quem, e para quê as identidades são construídas.

Nesse processo de construção de identidades os grupos sociais valem-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas, pela memória coletiva. No entanto, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que “reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espço” (CASTELLS, 1999, p. 23).

No caso da identidade grapiúna, associada à região cacaueira do sul da Bahia, não pode ser explicada apenas pelo cultivo do cacau. Embora o cacau tenha sido o ponto central do desenvolvimento econômico, social e cultural da região, a formação da identidade grapiúna é o resultado de uma combinação complexa de fatores históricos, sociais, culturais e geográficos. Ao longo das décadas, a comunidade local construiu uma identidade coletiva que se desenvolveu a partir desses elementos históricos, geográficos e culturais. Essa identidade é transmitida de geração em geração e é uma parte fundamental da vida na região cacaueira da Bahia. Portanto, a identidade grapiúna é o resultado de uma interação mais complexa de fatores que vão além do cultivo do cacau, e é essa combinação única de elementos que a diferencia de outras regiões do mundo onde o cacau também é cultivado.

O lugar é onde temos as nossas raízes embora isso não queira dizer que ele necessita sempre ser delimitado, aprisionado. O lugar tem raízes em nossas vidas e serve como a base de nossa existência, independentemente de onde estejamos, ou seja, nossas origens e a

conexão com um lugar, são fundamentais para a construção de nossa identidade. Essas raízes podem ser culturais, familiares ou geográficas e contribuem para quem somos.

Em resumo, o lugar, não pode ser apenas interpretado como uma localização física, mas como parte fundamental de nossa identidade e história de vida. “cada imagem e ideia sobre o mundo é composta, então, de experiência pessoal, aprendizado, imaginação e memória” (LOWENTHAL, 1982, p. 141).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra “Terras do Sem Fim” demonstra avanços conceituais significativos relacionados ao território. Esses avanços são evidenciados nas passagens narrativas na obra, nas quais os processos de construção do território são fundamentais para o desenvolvimento das ideias apresentadas. O território desempenha um papel complexo e multifacetado na formação da vida humana. A abordagem da estrutura social dos personagens na narrativa está profundamente relacionada à formação econômica, política e cultural da região sul da Bahia. Isso sugere que o território desempenha um papel central na configuração das relações sociais e no desenvolvimento das tramas abordadas no livro.

Em resumo, “Terras do Sem Fim” contribui para uma visão mais complexa e enriquecedora do território, explorando as interações com a estrutura social e os personagens da narrativa.

A análise do romance oferece percepções sobre a formação da identidade na região cacaueira do sul da Bahia, especificamente a identidade “grapiúna”. Essa identidade é descrita como resultado da mistura de sistemas socioculturais que se encontram e se reorganizam ao longo do tempo, tendo o cacau como um símbolo central.

O autor sugere que os elementos característicos dessa identidade grapiúna são produtos da maneira como a conquista da terra ocorreu e da fusão das diversas características socioculturais que se encontram no sul da Bahia no final do século XX.

É importante notar que a identidade, de acordo com autor Stuart Hall, não é uma identidade fixa, mas sim algo móvel. Ou seja, ela evolui ao longo do tempo à medida que os sistemas socioculturais são modificados. Portanto, embora o cacau continue sendo um símbolo da identidade grapiúna na atualidade, as características descritas no romance de Jorge

Amado podem não representar completamente essa identidade nos dias de hoje, dada a evolução das circunstâncias socioculturais.

No entanto, as características apresentadas no romance fornecem uma visão valiosa de como a identidade grapiúna se formou e ainda permanece na memória e no imaginário social da região cacaueira da Bahia. Isso é possível graças às narrativas de Jorge Amado e de outros escritores, poetas e artistas da região, que contribuíram para a construção e preservação dessa identidade ao longo do tempo. Portanto, a obra de Jorge Amado e outras obras literárias e artísticas desempenham um papel fundamental na representação e na compreensão dessa identidade em constante evolução.

É interessante notar como o romance de Jorge Amado explora não apenas as paisagens físicas, mas também as transformações sociais e econômicas que ocorrem na região devido à cultura do cacau. A migração, a exploração da natureza e a formação das cidades são aspectos fundamentais dessa narrativa.

O deslocamento físico, ou seja, a migração, desempenhou um papel significativo na chegada de imigrantes à região grapiúna. Muitos deles buscavam enriquecer-se na região, aproveitando as oportunidades oferecidas pela cultura do cacau. Os imigrantes que chegavam à região contribuíam direta ou indiretamente para a transformação da cultura cacaueira local. Suas influências contribuíram para a construção da identidade cultural da região, resultando em uma cultura híbrida que incluía pessoas de diferentes origens e nacionalidades.

O cacau desempenhava um papel central na região das terras do sem fim da Bahia. A posse de cacau, frequentemente chamado de “fruto sagrado da cor de ouro”, conferia poder aos proprietários, muitos dos quais eram conhecidos como “coronéis”. Eles detinham controle sobre a cidade e a região devido à sua riqueza de cacau. No entanto, o cacau perdeu sua importância econômica no passado devido a vários fatores, incluindo a globalização. Isso resultou em mudanças significativas na civilização da região, que estava enraizada na cultura cacaueira.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Janaina. **Região, sertão, nação**. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 8. n. 15. 1995. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1990/1129>. Acesso em 11 set. de 2023.

AMADO, Jorge. **Terras do Sem Fim**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 280 p.

ARAÚJO, Danieli Barbosa de; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. **Identidade e lugaridades: a ontologia do ser migrante**. XI Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas: Humanidades, Estado e desafios didático-científicos. Londrina, 2016. Disponível em: <http://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/identidade-e-lugaridades-a-ontologia-d-o-ser-migrante-23583>. Acesso: 14/08/2023.

ARAUJO, Regina. **Do sertão aos pampas: o território da literatura nacional no século XX**. Terra Brasilis, Rio de Janeiro, anos III e IV, n. 4-5, p. 45-66, 2002-2003.

CARLOS, Ana. **O espaço Urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo, 2007. 123 p.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e terra, 1999. p. 21-92.

FILHO, A. **Sul da Bahia: chão de cacau**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 127p.

LEFEBVRE, H. 1986(1974). **La Production de l'Espace**. Paris : Anthropos.

GARCEZ, Angelina Nobre Rolim. **Mecanismo de Formação da Propriedade Cacaueira no Eixo Itabuna/Ilhéus – 1890 – 1930** (Um Estudo de História Agrária). Salvador. Dissertação de Mestrado de Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, 1977.

GONÇALVES, Leandro Forgiarini de. **O estudo do lugar sob o enfoque da Geografia Humanista: um lugar chamado Avenida Paulista**. USP, 2010, 267 p. (Dissertação de Mestrado em Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010).

HOLZER, W. **O lugar na Geografia Humanista**. Revista Território. Rio de Janeiro. Ano IV, nº 7. p.67-78, 1999.

IBGE. Itabuna-Bahia. Coleção Monografias. ed. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1967.

LIMA, S.T. de. **Geografia e Literatura: alguns pontos sobre a percepção da Paisagem**. In: Geosul. Florianópolis, 15, no 30, jul/dez, 2000.

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.). Perspectivas da Geografia. São Paulo: Difel, 1982. p. 143-164.

MONBEIG, Pierre. **Ensaio de Geografia Humana Brasileira**. São Paulo: Martins, 1940.

SANTOS, M. O dinheiro e o território. In: _____. et. al. (Orgs.). **Território e territórios**. Niterói, 2002. p. 09-15.

PRADO JR., Caio. **Evolução política do Brasil e outros estudos**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1975.

REICHWALD, G. Jr. **Leitura e escrita na geografia ontem e hoje**. In: KLÜSENER, R; NEVES, I.C.B; SOUZA, J.V; SHAFFER, N.O (Orgs) Ler e escrever compromisso de todas as áreas. Porto Alegre:UFRGS,2003.

SANTOS, M. **O Brasil, território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SILVA, I. A.; BARBOSA, T. O ensino de geografia e a literatura: uma contribuição estética. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 15, n. 49, p. 80-89, mar. 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/23358>. Acesso em: 16 de agosto de 2022.

SACK, R. 1986. **Human Territoriality : its theory and history**. Cambridge : Cambridge University Press.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo, EDUSP, 2014.

SOUZA, Antônio Pereira. **Tensões do tempo: a saga do cacau na ficção de Jorge Amado**. Ilhéus: Editus, 2001.

SUZUKI, J. C. Geografia e Literatura: abordagens e enfoques contemporâneos. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, n.5, pp. 129-147.

TEIXEIRA, Ana. **Ensino de Geografia: o uso da arte e da literatura como uma proposta interdisciplinar**. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/ensino-de-geografia-o-uso-da-arte-e-da-literatura-com-uma-proposta-interdisciplinar/16747>. Acesso em: 21 de agosto. 2022

TUAN, Yi-fu, Topofilia. **Um estudo da percepção, atitudes e meios ambientes** (1974) (tradução Livia de Oliveira), São Paulo/Rio de Janeiro : Difel, 1980.

OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de. **Rumo às entranhas – um percurso pelo rio até o coração da treva**. In: GRATÃO, Lúcia H. Batista e MARANDOLA JR., Eduardo. Geografia e Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: Eduel, 2010. p. 99-119.